

# A ranicultura brasileira no período de 2000 a 2015: Um breve relato de fatos

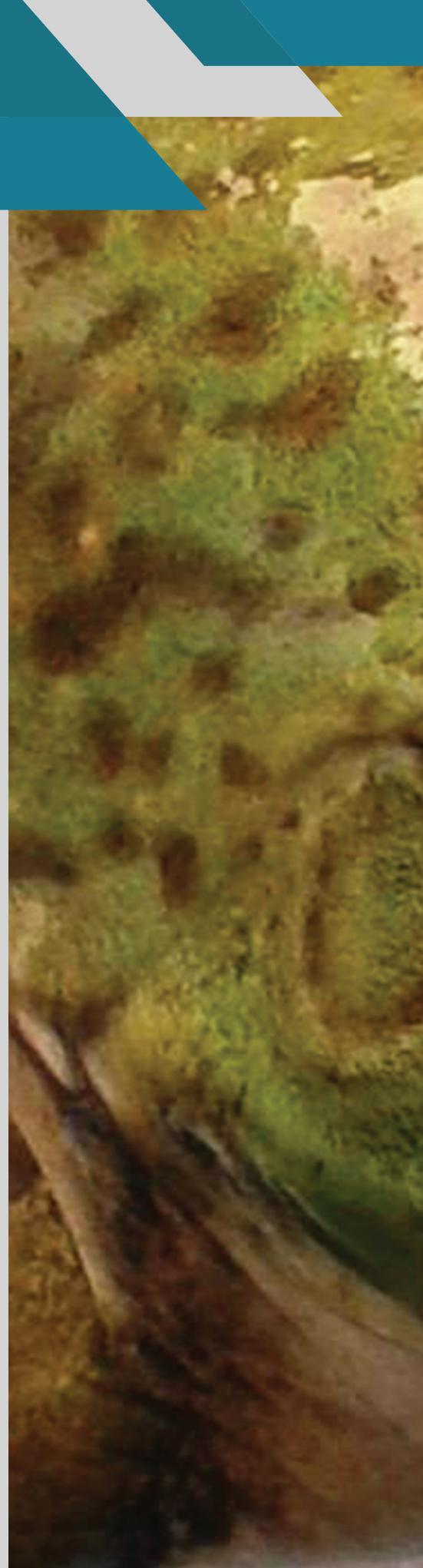
Andre Muniz Afonso<sup>1</sup> & André Yves Cribb<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Professor da Universidade Federal do Paraná -  
E-mail: andremuniz@ufpr.br;

<sup>2</sup> Pesquisador da Embrapa Agroindústria de Alimentos -  
E-mail: andre.cribb@embrapa.br.

Dados recentes da Organização Mundial para a Agricultura e Alimentação (FAO) indicam que o Brasil está entre os 15 maiores produtores mundiais de pescado (FAO, 2016). O extinto Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA) informou, no seu 1º anuário brasileiro sobre pesca e aquicultura, que houve uma evolução no consumo nacional per capita de pescado nos últimos anos, atingindo um valor igual a 11,17 kg por habitante/ano, em 2011 (BRASIL, 2014).▶

Figura 1. Fêmea adulta de rã-touro americana (*Lithobates catesbeianus*).









O Brasil é reconhecido como um dos países mais dotados de significativo potencial para a consolidação e expansão da pesca e aquicultura. Suas potencialidades decorrem principalmente das **condições naturais caracterizadas por sua privilegiada extensão litorânea de mais de oito mil quilômetros**, sua ampla área marítima (incluindo sua zona econômica exclusiva) de 3,7 milhões de km<sup>2</sup> e sua imensa reserva de água doce renovável equivalente a 13% do total do planeta (CRIBB, 2014). Entre as espécies de pescado que têm se beneficiado de especial atenção no Brasil, a rã-touro ou rã-touro americana (*Lithobates catesbeianus*) (Figura 1) tem apresentado desenvolvimento satisfatório. Sua criação racional, a ranicultura (Figura 2), e atividades afins têm sido, nos últimos quinze anos, objeto de intensas ações desenvolvidas por diversas instituições de pesquisa, assistência técnica e extensão rural (AFONSO, 2012; CRIBB et al., 2013).



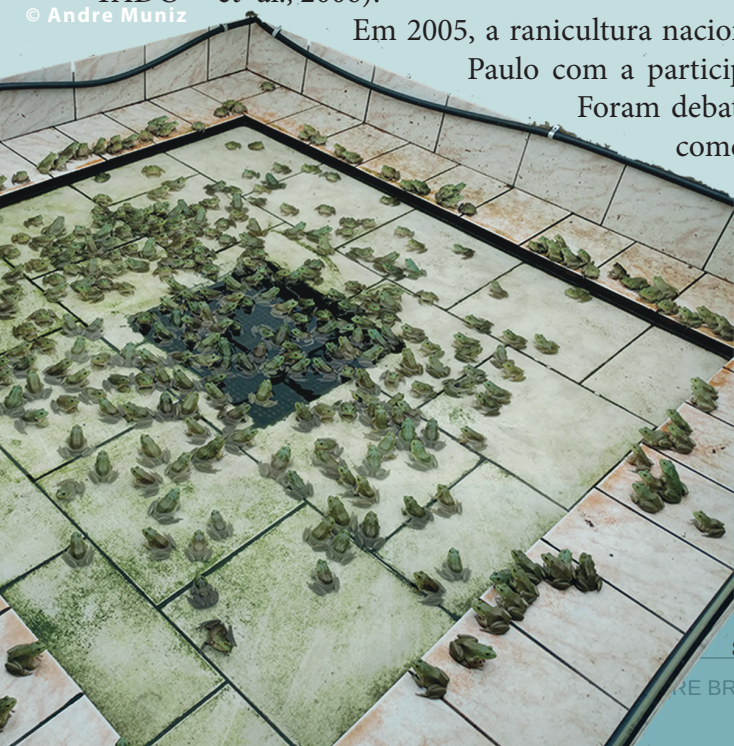
Figura 2. Ranário comercial na Região Oeste do Paraná, Brasil.

No início da década de 2000, a Embrapa Agroindústria de Alimentos, em parceria com o Centro de Tecnologia de Alimentos e Bebidas (SENAI) e com financiamento do Projeto de Apoio ao Desenvolvimento de Tecnologia Agropecuária para o Brasil (PRODETAB), desenvolveu uma tecnologia que resultou na **produção de salsicha e patê de carne de rã assim como de conserva de carne desfiada**. Tratou-se de uma tecnologia baseada na desossa mecânica do dorso (para a produção da salsicha e do patê) e na desossa manual do dorso (para a conserva) (FURTADO, 2001; FURTADO et al., 2005; FURTADO e MODESTA, 2006; FURTADO et al., 2006).

Em 2005, a ranicultura nacional foi objeto de um workshop realizado na cidade de São Paulo com a participação de pesquisadores, técnicos e empresários do ramo.

Foram debatidos os principais gargalos da produção, processamento e comercialização de produtos e derivados de rãs. Em 2007, foi realizado um estudo de mercado relacionado ao consumo de tilápia e rãs nas cidades do Rio de Janeiro e Niterói, ambas no estado do Rio de Janeiro, e, por meio dele, pode-se perceber que a motivação de compra da carne de rã estava associada aos usos funcional e medicinal em praticamente metade dos estabelecimentos visitados. Os consumidores apontaram como positivos os atributos de sabor, textura e qualidade do produto, mas a grande maioria reclamou dos valores praticados pelo mercado (WEICHERT et al., 2007).

Em 2008, a Embrapa Agroindústria de Alimentos concebeu um projeto intitulado “Avaliação e transferência da tecnologia de processamento de carne de dorso de rã no setor agroindustrial da Região Sudeste do Brasil”. Este pro-



jeto foi executado no período de 2009 a 2012 com a cooperação de várias organizações de pesquisa, assistência técnica e extensão. Graças a suas atividades, melhorou-se a compreensão do funcionamento da cadeia ranícola. Uma das observações fundamentais foi a baixa disponibilidade de informações tecnológicas, gerenciais, mercadológicas e socioeconômicas nos diferentes elos da cadeia (CRIBB, 2009; CRIBB, 2012). Uma ação diretamente decorrente desta observação foi a criação de um grupo de informação e comunicação “online”, denominado “Ranicultura no Brasil”. Este grupo se consolidou graças ao desenvolvimento de um novo projeto intitulado “Construção de uma rede de interação e aprendizagem para a transferência de tecnologia na cadeia ranícola brasileira” e concebido em 2011. Suas principais atividades foram a mobilização dos atores da cadeia, a ca-

projeto foi concebido e iniciado em 2014, intitulado “Fortalecimento tecnológico do elo agroindustrial da cadeia do pescado na Região Sudeste do Brasil por meio da socialização de conhecimentos, tecnologias e práticas”, com duração prevista para 36 meses. Seu objetivo geral é “Desenvolver ações de socialização de conhecimentos, tecnologias e práticas tanto para empreendimentos artesanais e familiares quanto para pequenas e médias empresas envolvidas na captura, manipulação, conservação e/ou processamento do pescado na Região Sudeste do Brasil”. Ao lado da tilápia e do camarão, a rã é uma das três espécies de pescado consideradas neste projeto (CRIBB, 2014).

A consolidação da ranicultura encontra-se em consonância com a de outras cadeias produtivas do pescado no Brasil. A demanda por produtos de excelente qualidade nutricional, cuja produção baseia-se nos princípios da viabilidade técnico-econômica e socioambiental, pode ser perfeitamente atendida pela carne da rã e seus derivados, produzidos com responsabilidade.

## Referências Bibliográficas:

AFONSO, A.M. Ranicultura se consolida com cadeia produtiva operando em rede interativa. *Revista Visão Agrícola*, Piracicaba, 2012, n.11, p.33-35.

BRASIL. 1º Anuário Brasileiro da Pesca e Aquicultura / 1st Brazilian Fishery and Aquaculture Yearbook. Ministério da Pesca e Aquicultura, Brasília, 2014, 136p.

CRIBB, A. Y. Avaliação e transferência da tecnologia de processamento de dorso de rã no setor agroindustrial da Região Sudeste do Brasil. Projeto de Transferência de Tecnologia. [Duração: Abril 2009 – Março 2012]. Rio de Janeiro: Embrapa Agroindústria de Alimentos, 2009.

CRIBB, A. Y. Construção de uma rede de interação e aprendizagem para a transferência de tecnologia na cadeia ranícola brasileira. Projeto de Transferência de Tecnologia. [Duração: Abril 2012 – Março 2015]. Rio de Janeiro: Embrapa Agroindústria de Alimentos, 2011.

CRIBB, A. Y. (coord.). Relatório: Avaliação e transferência da tecnologia de processamento de dorso de rã no setor agroindustrial da Região Sudeste do Brasil. Rio de Janeiro: Embrapa Agroindústria de Alimentos, 2012. [Código: 04.08.08.002.00.00]. Relatório final.

CRIBB, A. Y. Fortalecimento tecnológico do elo agroindustrial da cadeia do pescado na Região Sudeste do Brasil por meio da socialização de conhecimentos, tecnologias e práticas. Projeto de Transferência de Tecnologia. [Duração: Novembro 2014 – Outubro 2017]. Rio de Janeiro: Embrapa Agroindústria de Alimentos, 2014.

CRIBB, A.Y.; AFONSO, A.M.; MOSTÉRIO, C.R.F. Manual técnico de ranicultura. Rio de Janeiro: EMBRAPA, 2013, 76p.

FAO. The State of World Fisheries and Aquaculture. Rome: FAO, 2016, 204 p.

FURTADO, A. A. L. Desenvolvimento de novos produtos a partir da carne de rã. Subprojeto 3. pp. 7-9. In: LIMA, S. L. Estruturação Tecnológica da Cadeia Produtiva da Ranicultura. Universidade Federal da Paraíba, 2001. [Projeto de pesquisa].

FURTADO, A.A.L.; MODESTA, R.C.D. Aceitabilidade da carne de rã em conserva. Comunicado Técnico. Embrapa, 2006, n. 109, 5p.

FURTADO, A.A.L.; MODESTA, R.C.D.; SIQUEIRA, R.S.; FREITAS, S.C. Processamento de salsicha de carne de rã. Comunicado Técnico. Embrapa, 2005, n. 90, 2p.

FURTADO, A.A.L.; MODESTA, R.C.D.; SIQUEIRA, R.S.; FREITAS, S.C. Processamento de patê de carne de rã. Comunicado Técnico. Embrapa, 2006, n. 107, 2p.

WEICHERT, M.A.; MELLO, S.R.P.; ESPINDOLA, L.M. O consumo de tilápias e rãs nas cidades do Rio de Janeiro e Niterói. *Revista Panorama da Aquicultura*, Rio de Janeiro, 2007, v. 17, n. 102, p. 37-41.

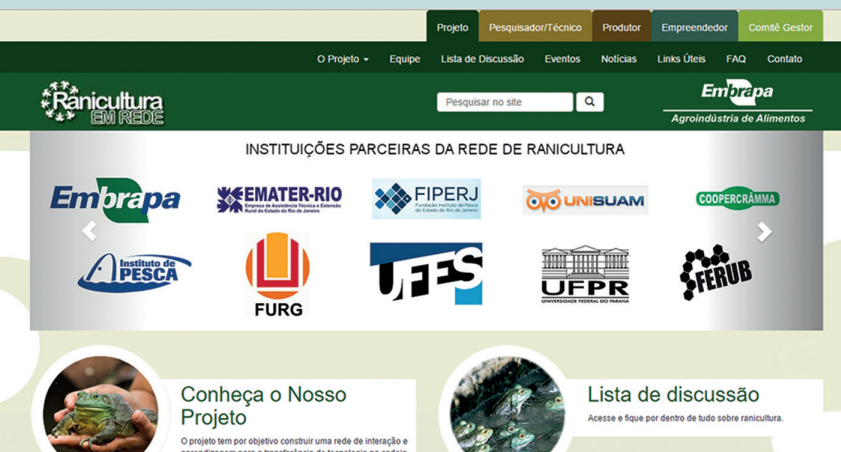


Figura 3. Página inicial do “website” da Rede de Ranicultura, mostrando as instituições parceiras e opções de navegação.

pacitação de técnicos, o treinamento de produtores e a criação de um “website” (Figura 3). Sua conclusão está prevista para setembro de 2016 (CRIBB, 2011).

Antes da realização completa do projeto de construção da rede, foi considerada necessária a ampliação da esfera de ação do núcleo de pesquisadores e técnicos envolvidos no desenvolvimento da cadeia ranícola. Esta necessidade foi baseada no fato de que esta cadeia está profundamente ligada a outras dentro do setor de pesca e aquicultura. Um exemplo para comprovar tal ligação é o uso da ração de peixes para alimentar rãs. O desenvolvimento da cadeia ranícola depende da consolidação das cadeias de outras espécies de pescado.

Com base nessas considerações, um novo